



O PERFIL DOS PRODUTORES DE ARROZ DO VALE DO RIO PARDO E O PROCESSO DE GESTÃO RURAL

Ricardo Tatsch
Cidonea Machado Deponti

Resumo

A dinâmica da globalização e a incorporação de novas tecnologias no meio rural obrigaram os produtores a se adequarem a novas exigências, entre elas a inclusão de práticas contábeis e gerenciais, fundamentais para se conseguir eficiência nas propriedades rurais. Com base nessa premissa, pretendeu-se, através de uma pesquisa exploratória, tipificar e caracterizar os produtores de arroz do Vale do Rio Pardo em relação ao uso de instrumentos contábeis para controle da atividade, comparando com dados nacionais. Buscou-se, também, demonstrar a importância do cultivo do arroz, como uma alternativa de produção em uma região em que o foco está no tabaco, trazendo informações relevantes sobre a área cultivada, a produção e produtividade das lavouras em níveis nacional, estadual e regional. Com uma breve revisão bibliográfica e com a aplicação de questionário, por telefone, foi possível acessar 49 dos 64 orizicultores do município de Rio Pardo, segundo maior produtor de arroz da Região. Observou-se que apenas 37% dos entrevistados mantêm alguma forma de controle e apenas quatro deles foram capazes de responder à pergunta: Qual o custo da sua lavoura por hectare ou por saco de arroz produzido? Isso demonstra a precariedade com que é realizada a gestão rural nas propriedades analisadas. Conclui-se sobre a importância da tipificação como instrumento de auxílio no desenvolvimento de programas relacionados à contabilidade rural, podendo ser utilizados na formulação de propostas de ações coerentes que levem em consideração as características de cada grupo de produtores, buscando maior eficiência e melhores resultados para as iniciativas.

Palavras-Chave: produtor de arroz; gestão rural; contabilidade rural; desenvolvimento regional.

Abstract

Globalization dynamics and the introduction of new technologies in rural areas had forced farmers to adapt to new requirements like the use of accounting and management practices, key to achieve efficiency in rural properties. With that in mind, we intend, with an exploratory research, to typify and characterize rice producers in the Rio Pardo's Valley on the use of accounting instruments of control of their activities, comparing them with national data. We had also look forward to show the importance of rice farming as an alternative to tobacco, focus on this region, with relevant data about the cultivated area, production and productivity in crops at national, state and regional levels. With a brief bibliographic review and the application of a questioner by telephone, we could access 49 of the 64 registered rice farmers in the Rio Pardo's County, second biggest in rice production on the region. We inferred that only 37% of the interviewed keeps some kind of control and only four of them were able to answer the question: What are the expenses of your crop by hectare or by rice bag produced? That shows the precariousness in which the rural management it is done in the analyzed properties. Therefore, we reach the conclusion that is important to use typification as an instrument to help the development of programs related to rural accounting, so it can be used on the formulation of coherent action proposals that consider the characteristics of each group of farmers, reaching more efficiency and better results to each initiative.

Keywords: rice farmers; rural management; rural accountability; regional development.



1 INTRODUÇÃO

A questão colocada como elemento de investigação nesse artigo está situada na tipificação e na caracterização dos orizicultores do município de Rio Pardo, localizado na região do Vale do Rio Pardo, centro do estado do Rio Grande do Sul. Buscou-se compreender os elementos fundamentais para sua sustentabilidade no meio rural e, conseqüentemente, no desenvolvimento da região como um todo. Essa região é reconhecida pela produção de tabaco e pela imigração europeia que deixaram suas marcas sobre esse território (ETGES, 2001). A produção do arroz não é, portanto, predominante, mas se apresenta como uma alternativa importante para o desenvolvimento rural.

Por isso, considera-se importante analisar a forma como vêm sendo gerenciadas essas propriedades. Para tanto, fez-se necessário contatar, por telefone, os 64 orizicultores do município de Rio Pardo, dos quais 49 foram localizados. As perguntas envolveram questões relativas à propriedade da terra, ao uso da mão de obra, ao tempo de experiência na atividade, à escolaridade, ao acesso a informações via Internet e, por fim, à forma como se dá a gestão dessas propriedades.

Em um primeiro momento, realizou-se uma revisão bibliográfica e levantaram-se os dados secundários referentes à produção e ao consumo do arroz no Brasil, onde se verifica a importância desse cereal para o cenário nacional (CONAB, 2016). Recorta-se, então, o estado do Rio Grande do Sul, maior produtor do cereal para, então, trazer o Vale e o município de Rio Pardo. A seguir, são levantados os dados do censo da lavoura de arroz (IRGA, 2006) e os dados obtidos através da pesquisa supra referida, comparando essas duas fontes de informação. Para finalizar, uma breve conclusão traz algumas das considerações possíveis obtidas a partir desses dados, relembrando a importância da gestão rural nas propriedades orizícolas.

2 A PRODUÇÃO DE ARROZ NO BRASIL, NO RIO GRANDE DO SUL E NO VALE DO RIO PARDO

A partir desse momento, procurou-se levantar algumas questões que demonstram a importância da produção de arroz em nível nacional, estadual e regional, dando um panorama geral do cenário atual e de sua transformação nos



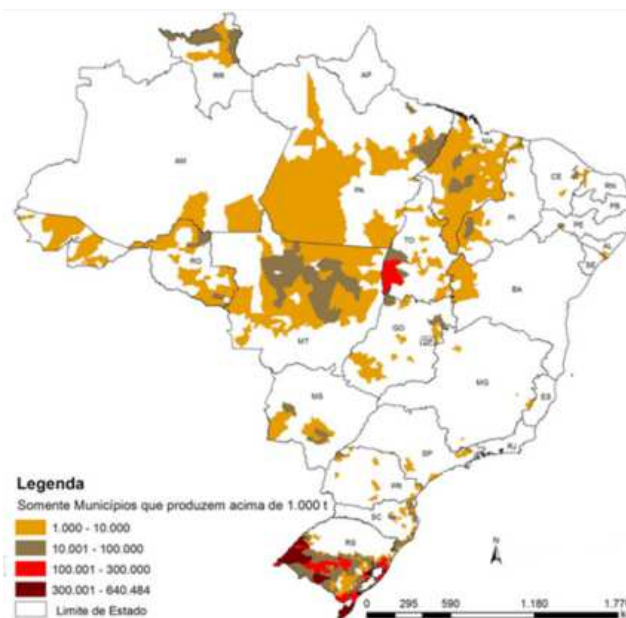
últimos 15 anos. Em uma segunda seção são colocadas algumas questões importantes para a compreensão da gestão nas propriedades rurais.

2.1 Panorama geral da orizicultura no Brasil, no Estado e na Região

Inicialmente, vale mencionar que esse cereal é cultivado em 181 milhões de hectares do planeta, com uma produção estimada de 481 milhões de toneladas para a safra 2016/2017 (USDA/FAS, 2017). E está entre as commodities mais produzidas no mundo, ficando atrás somente do milho e do trigo, sendo o principal alimento de mais da metade da população.

No Brasil, é produzido em vários estados, com uma grande concentração no sul, especialmente no Rio Grande do Sul. Esse é o responsável por 69,8% da produção nacional (CONAB, 2016) em uma área de pouco mais de um milhão de hectares, correspondentes a aproximadamente 50% da área de cultivo nacional, predominando o sistema irrigado.

Introduzido no Brasil por Pedro Álvares Cabral, tendo o relato de seu cultivo a partir de 1530 na capitania de São Vicente, o arroz se espalhou por regiões do litoral, sempre em pequenas lavouras de subsistência. Em 1904 surgiu a primeira lavoura empresarial, no município de Pelotas-RS, logo após chegou à Cachoeira do Sul, intitulada como a capital nacional do arroz irrigado. Ganhou impulso com a vinda dos locomóveis, que tocavam as bombas de irrigação, facilitando a inundação das lavouras (PEREIRA, 2002).

**Figura 01: Mapa da concentração da produção de arroz no Brasil**

Fonte: CONAB (2015).

A Figura 01 demonstra a distribuição das lavouras de arroz no Brasil, cereal que representa cerca de 20% do total de grãos colhidos, é especialmente forte no Sul do País, mais especificamente na metade sul do Rio Grande do Sul, Estado que cultivou 1.076.000 hectares na safra 2015/2016. Nas outras regiões do Brasil, ganham destaque o Maranhão, na Região Nordeste, com a maior área, 181,5 mil hectares; Mato Grosso, na Região Centro-Oeste, com 152 mil hectares; e Tocantins, na Região Norte, com 132 mil hectares, registrando a terceira maior área com o grão. A Região Sudeste possui pouca expressão no cultivo de arroz (CONAB, 2016).

**Tabela 01: Série histórica de área de arroz plantada, safras 2001/2002 a 2016/2017, em mil hectares**

REGIÃO/UF	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
REGIÃO SUL	1.203,8	1.174,8	1.255,9	1.266,6	1.257,9	1.167,6	1.266,9	1.299,0
RS	985,0	960,4	1.039,2	1.049,6	1.039,7	954,4	1.066,6	1.105,6
BRASIL	3.219,6	3.186,1	3.654,4	3.916,3	3.017,8	2.967,4	2.875,0	2.909,0

REGIÃO/UF	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17 Previsão (¹)
REGIÃO SUL	1.270,4	1.361,5	1.238,9	1.249,7	1.299,9	1.295,2	1.249,6	1.273,2
RS	1.079,6	1.171,6	1.053,0	1.066,6	1.120,1	1.120,1	1.076,0	1.100,7
BRASIL	2.764,8	2.820,3	2.426,7	2.399,6	2.372,9	2.295,1	2.008,0	1.954,5

Fonte: CONAB (2016).

Como é possível observar na Tabela 01, na safra de 2001/2002 a região sul foi responsável por 37,4% das áreas destinadas ao cultivo de arroz do Brasil, sendo 30,6% concentradas no RS. Já a previsão para 2016/2017 mostra que a região sul passa a ocupar 65% dessas áreas, sendo 56% concentradas nesse estado.

Tabela 02: Série histórica da produção de arroz, safras 2001/2002 a 2016/2017, em mil toneladas

REGIÃO/UF	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
REGIÃO SUL	6.576,6	5.920,1	7.607,1	7.533,0	8.152,2	7.697,7	8.552,8	9.116,4
RS	5.464,8	4.696,4	6.432,7	6.332,9	6.872,4	6.419,3	7.361,7	7.905,0
BRASIL	10.626,1	10.367,1	12.960,4	13.355,0	11.721,7	11.315,9	12.074,0	12.602,5

REGIÃO/UF	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17 Previsão (¹)
REGIÃO SUL	8.547,0	10.091,1	8.984,1	9.132,9	9.339,2	9.840,7	8.528,9	9.762,3
RS	7.320,8	8.904,2	7.739,6	7.933,4	8.112,9	8.624,8	7.356,6	8.502,9
BRASIL	11.660,9	13.613,1	11.599,5	11.819,7	12.121,6	12.444,5	10.603,0	11.948,0

Fonte: CONAB (2016).



De acordo com a Tabela 02, em 2001/2002 a Região Sul foi responsável pela produção de 6,57 do total de 10,62 milhões de toneladas de arroz produzidas em todo o território brasileiro, representando 61,8% da produção. Somente o Rio Grande do Sul produziu 5,46 desse total, representando 51,4% da produção nacional. A previsão para 2016/2017 mostra que, assim como ocorreu na safra 2015/2016, mais de 80% dessa produção virá do sul do País e, 71,2% estará concentrada no estado gaúcho.

Com os dados das tabelas 01 e 02 é possível concluir que, apesar da redução da área de cultivo de arroz, o Brasil tem tido um crescimento na produção. Nos últimos 15 anos, mesmo com a redução de 37,6% na área semeada, caindo de 3,2 para 2,0 milhões de hectares, o país vem apresentando um incremento médio anual de mais de 120 mil toneladas/ano, à exceção da safra 2015/2016, na qual houve uma frustração na safra gaúcha, ocasionada por intempéries climáticas.

Este crescimento da produção brasileira deve-se, principalmente, pelo uso intensivo de tecnologias (genética e manejo), que agregam ganho em produtividade, e pela redução de área não se dar na Região Sul, que se utiliza do sistema de cultivo irrigado, com maior potencial produtivo, e sim nas demais regiões do Brasil, onde o cultivo é realizado em sequeiro, com rendimentos mais baixos.

Tabela 03: Série histórica da produtividade de arroz, safras 2001/02 a 2016/17, em quilogramas por hectare

REGIÃO/UF	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
REGIÃO SUL	5.463,0	5.039,0	5.953,0	5.847,0	6.480,8	6.592,8	6.751,0	7.018,0
RS	5.548,0	4.890,0	6.064,0	5.912,0	6.610,0	6.726,0	6.902,0	7.150,0
BRASIL	3.300,0	3.254,0	3.511,0	3.377,0	3.884,2	3.813,4	4.200,0	4.332,0

REGIÃO/UF	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17 Previsão (¹)
REGIÃO SUL	6.728,0	7.412,0	7.252,0	7.308,0	7.184,5	7.597,8	6.825,3	7.667,5
RS	6.781,0	7.600,0	7.350,0	7.438,0	7.243,0	7.700,0	6.837,0	7.725,0
BRASIL	4.218,0	4.827,0	4.780,0	4.925,7	5.108,4	5.422,3	5.280,3	6.113,0

Fonte: CONAB (2016).

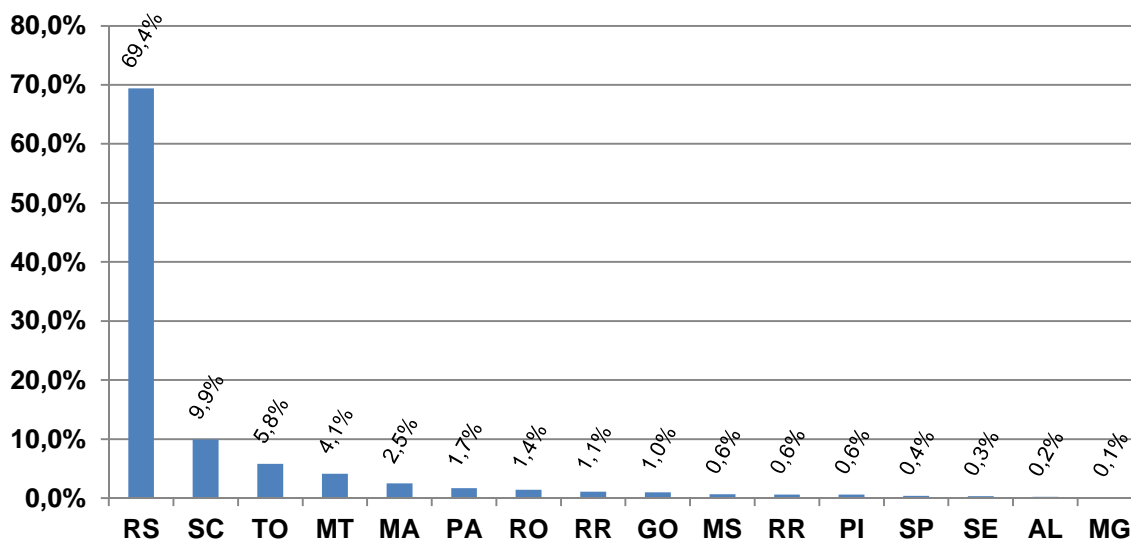
Esse aumento na produtividade fica claro ao se observar a Tabela 03, ou quando se compara a evolução das áreas de cultivo na Tabela 01 com a evolução da produção total, na Tabela 02. Em um período de 15 anos o Rio Grande do Sul teve uma variação positiva de 9,2% no tamanho da área, passando de 985 mil hectares na safra 2001/02 para 1,076 milhão de hectares na safra 2015/2016. Variação pequena



se comparada ao aumento de produção que passou de 5,46 para 7,35 milhões de toneladas no mesmo período, um incremento de 34,5%. Utilizando-se como base a safra 2014/2015, na qual não houve frustração como a ocorrida na safra 2015/2016, com um aumento de área de 13,5%, no período de 14 anos, o incremento de produção salta para 57,8%. Ademais, é possível concluir que novas técnicas e tecnologias estão sendo implementadas, ampliando a produtividade, sem grandes ampliações nas áreas dedicadas ao plantio.

O Gráfico 01 ajuda a exemplificar a quantidade produzida por estado. Como se pode verificar, o Rio Grande do Sul está disparado na frente, com 69,4% da produção nacional. É seguido por Santa Catarina, com 9,9% da produção; pelo Tocantins, com 5,8%; e pelo Mato Grosso, com 4,1%.

Gráfico01: Produção de arroz por Estado, safra 2015/2016



Fonte: CONAB, 2016.

O consumo do arroz, por sua vez, é feito por aproximadamente 95% dos brasileiros, sendo que mais da metade desses o fazem no mínimo uma vez por dia. O arroz branco polido ocupa 70% da preferência nacional, outros 25% do arroz consumido é parboilizado e de 3 a 4% é consumido na forma integral (BARATA, 2005).

O Brasil conseguiu autossuficiência na produção em 2004, embora ainda seja um importador líquido, trazendo o produto de países como Argentina, Paraguai e



Uruguai, que têm um menor custo de produção. Com o passar dos anos observa-se uma redução na área de cultivo do cereal, porém um aumento da produtividade. O consumo, sem muita oscilação, tem se mantido entre 11,6 e 12 milhões de toneladas nos últimos seis anos, fazendo com que a relação entre produção e demanda venha se mantendo equilibrada (CONAB, 2016).

De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (BRASIL, 2016) estima-se para 2025/2026 uma produção de 11,5 milhões de toneladas no Brasil e um consumo de 11,8 milhões de toneladas. Essa projeção da produção é baseada em uma perspectiva de redução ainda maior nas áreas de cultivo e a um aumento significativo na produtividade. Busca-se alcançar 11 toneladas por hectare, bem acima da média brasileira atual, que é 5,5 toneladas/hectare, e até mesmo da gaúcha, situada em 7,2 toneladas por hectare (CONAB, 2016).

Essa redução nas áreas de cultivo de arroz deve-se a sua baixa rentabilidade em comparação com outras culturas, como a soja, o milho ou o algodão. Até mesmo no Rio Grande do Sul, onde o produto é tradicionalmente cultivado em áreas úmidas e de difícil drenagem – próprias para o seu cultivo – ele tem perdido espaço para outras culturas, como a soja em rotação. Essa acaba sendo benéfica para o cultivo de arroz subsequente, trazendo ganhos de produtividade.

O Vale do Rio Pardo, localizado na encosta do planalto meridional rio-grandense, é formado por 23 municípios (FIGURA 02) e compreende uma área de 13.172 km² com uma população de 434 mil habitantes, composta de descendentes de origem alemã no norte e açoriana ao sul. Tem grande importância em nível estadual principalmente nas exportações. Em 2010 a região foi responsável por 11,4% das exportações totais do Rio Grande do Sul, e responsável por 3,98% do Valor Agregado Bruto (VAB) do Estado (FEE, 2015).

**Figura 02: Mapa da região do Vale do Rio Pardo**

Fonte: FEE (2015).

Segundo Fee (2015) o VAB da região do Vale do Rio Pardo é composto em 13% pela agropecuária, 29% da indústria e 57,4% de serviços, indicando uma maior participação da agropecuária e da indústria e menor dos serviços, quando comparado à média estadual; é responsável por 5,9% do VAB da agropecuária do Estado. São formadores do VAB da região o fumo e, em menor proporção, a mandioca, com 53%. A criação de bovinos de leite e de corte somam 12,4%. O cultivo de arroz e de trigo, em menor proporção, totalizam 12%. A silvicultura e a exploração florestal, o cultivo de soja, a criação de aves e suínos, entre outros de menor expressão compõe os 22,6% restantes.

Conforme levantamento do IRGA (2016) há produção de arroz em 11 dos 23 municípios da região, totalizando 32.065 hectares semeados na safra de 2015/2016. Candelária, Rio Pardo e Pantano Grande são os que detêm as maiores áreas com, respectivamente, 8.950, 8.158 e 4.175 hectares, representando 66% do total da área regional cultivada com o cereal. A Região do Vale do Rio Pardo foi responsável pela produção de 187 mil toneladas nos 29.420 hectares colhidos na safra 2015/2016, obtendo uma produtividade média de 6.385 quilogramas por hectare (TABELA 04),



6,6% a menos que a média estadual registrada nessa mesma safra, que foi de 6.837 quilogramas por hectare (TABELA 03).

Tabela 04: Área (Ha), produção (Kg) e produtividade (Kg/ha) dos municípios da Região do Vale do Rio Pardo, Safra 2015/2016

Município	Área Semeada	Área Perdida	Área Colhida	Produtividade	Produção
Candelária	8.950	221	8.729	6.746	58.885.834
Encruzilhada do Sul (norte)	100	0	100	6.350	635.000
Encruzilhada do Sul (sul)	1.308	17	1.291	7.535	9.727.685
General Câmara	1.859	65	1.794	5.495	9.858.030
Pantano Grande	4.175	695	3.480	7.065	24.586.200
Passo do Sobrado	690	0	690	6.011	4.147.590
Rio Pardo	8.158	1.203	6.955	5.766	40.102.530
Santa Cruz do Sul	1.700	78	1.622	6.478	10.507.316
Vale do Sol	1.050	20	1.030	6.783	6.986.490
Vale Verde	1.175	105	1.070	5.779	6.183.530
Venâncio Aires	1.900	139	1.761	6.152	10.833.672
Vera Cruz	1.000	102	898	6.014	5.400.572
TOTAL	32.065	2.645	29.420	6.385	187.854.449

Fonte: IRGA (2016).

Dada a importância do setor orizícola para o Vale do Rio Pardo – seja pela geração de empregos diretos e indiretos, giro de recursos financeiros na economia local, bem como a utilização do comércio e a prestação de serviço – cabe conhecer e caracterizar esse ramo produtivo, principalmente no que se refere às dificuldades encontradas pelos produtores de arroz em manter suas atividades, esse estudo colabora, assim, para a manutenção e a melhoria do desenvolvimento da região. Autores como Batalha et al. (2002), Borilli et al. (2005), Deponti (2014) e Dorr et al. (2012) destacam que grande parte dos agricultores não fazem uso da contabilidade e de técnicas de gestão em suas propriedades e falam da importância desses elementos para a otimização de resultados e sustentabilidade no meio rural. Sobre esta questão trata-se na próxima seção desse artigo.

2.2 Algumas considerações sobre a importância da gestão

Em meio à evolução tecnológica, com novos processos e um ambiente cada vez mais competitivo, com altos custos de produção e margem de lucros cada vez



mais apertada, o produtor rural tem buscado ganhos contínuos de eficiência com redução de custos, aumento de produtividade e a diferenciação de produtos. Há, porém, vários casos em que o agricultor não realiza um controle de custos de produção, perdendo competitividade perante o mercado e, muitas vezes, tendo que abandonar o negócio.

A rentabilidade é fundamental para a sustentabilidade financeira e para a continuidade do agronegócio. Para alcançá-la, é preciso produzir com excelência, administrando e mantendo o maior controle de todo o processo. Conforme Fayol (2009), indiferente de seu tamanho, se é industrial, comercial, político, religioso, agrícola, ou de qualquer outra índole, a administração institui-se como fator de primordial importância na direção de todos os negócios.

Conforme Batalha et al. (2002), vários trabalhos envolvendo projetos de desenvolvimento rural têm demonstrado deficiências gerenciais nas unidades produtivas rurais, reduzindo os ganhos e o desenvolvimento sustentável. Em um ambiente industrial eficiente, a gestão econômico-financeira orienta o processo de maneira a se conseguir o máximo de uso dos recursos disponíveis e o uso total de suas capacidades (DETHIER; EFFENBERGER, 2012). Ao mesmo tempo em que a utilização dos recursos e os custos são controlados, o fluxo de caixa é gerenciado para garantir liquidez e rentabilidade para a empresa. Essas ações integradas possibilitam a redução de custos e a consequente geração de lucro.

A contabilidade e as técnicas de gestão são recursos que auxiliam na tomada de decisão dos produtores rurais. Para Callado et al. (2007), a contabilidade não deve se limitar a fatores financeiros, mas, sim, auxiliar nos processos administrativos e produtivos, facilitando as escolhas que produzam o melhor resultado. Conforme Crepaldi (1998), necessitamos de uma atualização dos meios de gerenciamento das empresas rurais para alcançar resultados de produção e de produtividade que garantam o sucesso do empreendimento. Através de tecnologias que permitam interligar criações, pode ser possível obter rendimentos adicionais, diluir custos e economizar insumos.

Deponti (2014), além de discorrer sobre a importância da gestão nas propriedades rurais, destaca a questão das atividades de extensão para o incentivo ao uso de técnicas contábeis e gerenciais. Verifica ainda que apesar de os produtores possuírem acesso à internet, celular e computador, não têm a compreensão da



necessidade do registro das informações e do controle de despesas para embasar a tomada de decisão.

Existem algumas culturas que migraram para o sistema integrado, como o Tabaco e o Citros, nas quais o produtor recebe um pacote tecnológico pronto e acaba trabalhando como um empregado. Assim, fica impossibilitado de ver novas oportunidades e, em termos sociológicos, acaba atuando como em uma linha de produção. Um produtor de arroz que gerencia o seu negócio como se fosse uma pequena empresa, que faz custos, planeja e analisa todas as dimensões, se prepara para esse sistema pós-industrial integrado, não vai necessitar de um modelo pronto, pois já desenvolveu o seu. Conforme Harvey (1992), na condição pós-moderna, temos o declínio do modelo industrial para o modelo pós-industrial, onde pesa o modelo de gestão que dê conta desse novo cenário.

Entende-se, portanto, que o controle de custos e a gestão econômica e financeira não garantem desenvolvimento rural, sendo uma entre as dimensões representadas pela tríade social, econômica e ambiental. Entretanto, pode ser uma dimensão de melhoria da visão dos agricultores para um olhar mais abrangente das atividades agrícolas e para o desenvolvimento de organizações rurais. Com a evolução da gestão, teremos um produtor com uma visão emancipada do seu negócio, numa análise econômica, ambiental e social, para um desenvolvimento interdisciplinar (BRANDÃO, 2011; FONTOURA; WITTIMANN, 2016; LENCIONI, 1999).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Metodologia e instrumento de coleta de dados

Nesse momento é importante lembrar que essa pesquisa se deu de forma exploratória (GIL, 1999), buscando ampliar os conhecimentos sobre o perfil dos orizicultores e a forma como eles têm utilizado – ou não – técnicas gerenciais que possibilitem o controle e a sustentabilidade do seu negócio. Além disso, como feito na revisão bibliográfica, são trazidos dados secundários (IRGA, 2006) que auxiliam na compreensão das informações levantadas.

Essas informações foram colhidas através de um questionário realizado por telefone com 49 dos 64 produtores do município de Rio Pardo. Foram exploradas sete



questões fechadas e uma abordando a forma como se dá a produção do arroz e algumas características dos orizicultores. Primeiro, foi analisada a área e a produtividade dessa. Depois, o número de pessoas – familiares ou empregados – envolvidos na produção; o tempo de experiência do agricultor nessa forma de cultivo; seu grau de escolaridade. Em um segundo momento, buscou-se saber se esse produtor possui acesso a informações *online*, se faz uso de recursos próprios ou de terceiros, se possui um controle de custos e, como pergunta aberta, se lhe é conhecida a rentabilidade do seu negócio.

Os resultados obtidos através dessa investigação são expostos no próximo subtítulo e comparados com os dados levantados em 2006 pelo Instituto Rio-Grandense do Arroz (IRGA, 2006).

3.2 Resultados obtidos

A partir da coleta de dados, através de questionários aplicados, junto aos produtores de arroz do município de Rio Pardo – RS foi possível fazer uma caracterização da produção orizícola do município, identificando-se características relacionadas à estrutura e a gestão das propriedades.

Quanto ao domínio da área, os arroteiros podem ser proprietários da terra, arrendatários, ou cultivar em mistas. Em 2006, 60% da área sob o cultivo de arroz no Rio Grande do Sul era arrendada e, para Rio Pardo, esse índice era de 75% (IRGA, 2006). Questionando os produtores selecionados nesse estudo, chegou-se a um índice ainda maior para o município: 82% das áreas de arroz de Rio Pardo são arrendadas. Este alto percentual de áreas arrendadas influencia diretamente na rentabilidade do produtor, visto que o custo de produção da lavoura orizícola em terras arrendadas é em torno de 30% superior ao custo de produção em terras próprias (DAL MOLIN et al., 2015).

A rentabilidade e a sustentabilidade de uma unidade produtiva também estão diretamente ligadas à sua produtividade. Apurando esse dado junto aos produtores do município, chegou-se a uma média de 7.223 quilogramas por hectare, 9% abaixo dos 7.725 quilogramas estimados para o Estado na safra 2016/2017 (TABELA 3).

O tempo de experiência dos rio-pardenses no cultivo de arroz é alto: 76% estão há mais de 30 anos na atividade, 14% deles têm entre 20 e 30 anos de cultivo, 2%



estão na faixa de 10 a 20 e os outros 8% possuem menos de 10 anos. Logo, existe uma tradição na produção local de arroz. Questionados também a respeito da mão de obra utilizada, 66% é familiar e 34% composta por funcionários permanentes; existem ainda 40 funcionários temporários. Evidencia-se, assim, o prevaletimento da mão de obra familiar para o desenvolvimento das atividades e condução dos negócios.

No levantamento de 2006 sobre o índice de escolaridade, 64% dos orizicultores do Estado possuíam somente o Ensino Fundamental e, para Rio Pardo, esse valor chegava a 70%. Esse índice ainda continua baixo entre os produtores de arroz do município. Questionados sobre a escolaridade, 67% dos entrevistados afirmaram que não foram além do Ensino Fundamental. Dos demais, 20% possuem o Ensino Médio, 4% curso técnico e 8%, ensino superior.

De acordo com Silva (1995), o nível de escolaridade do produtor influencia na sua procura por novos conhecimentos, pois possibilita uma melhor assimilação e adoção das informações recebidas. Não colocando esse como o fator básico para o aprendizado, mas reconhecendo que o "saber" se amplia e dinamiza quando sua relação com o conhecimento sistematizado e acadêmico se dá sobre uma base mais elaborada de conhecimento científico. Esse não parece, entretanto, ser um impedimento ao acesso à Internet. Quando questionados sobre a conexão *online* para manterem-se informados sobre a previsão climática e mercado do arroz, 65% responderam que se conectam periodicamente para obter essas informações.

Na segunda parte do questionário foram tratadas questões relativas aos controles de custos utilizados pelos produtores rurais no desenvolvimento de suas atividades. Pôde-se observar que apenas 37% deles possuem algum tipo de anotação ou controle e que apenas um deles se utiliza de ferramentas mais sofisticadas, como programas ou planilhas digitais. Os demais (63%) sequer possuem anotações de custos da lavoura.

Na última questão, em que se buscou apurar o custo da lavoura, somente quatro produtores rurais responderam afirmativamente, demonstrando a precariedade com que são realizados o controle de custos e a gestão das propriedades. A informação de que apenas 8% dos entrevistados possuem um registro mais apurado da contabilidade de sua unidade produtiva, sendo capazes de precisar seu custo de produção, reforça o caráter informal da gestão, como também destaca Erickson (2002).



Surpreende ainda a averiguação de que, entre estes quatro produtores que possuem contabilidade mais efetiva, dois possuem apenas o Ensino Fundamental e os outros dois completaram o Ensino Médio. Isso mostra que o baixo grau de escolaridade não é, necessariamente, um impedimento para a utilização de instrumentos contábeis para o controle da atividade. Também aponta para o fato de que os demais orizicultores teriam condições de realizar uma contabilidade e ter um melhor controle do seu negócio. O que falta em muitos produtores é, na verdade, o entendimento da importância de se obter informações contábeis completas, organizadas e bem direcionadas para a gestão da atividade rural (SILVA et al., 2012).

A não utilização da contabilidade no meio rural, segundo Grateron (1996), limita a capacidade de tomada de decisão dos produtores, ao comparar o que foi planejado do realizado, a fim de uma imediata ação corretiva. E esta gestão informal e incompreensão sobre os aspectos gerenciais podem afastar os produtores da tomada de decisão segura e racional e ocasionar perdas produtivas, frustração e êxodo rural (WINCKLER et al., 2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo fez-se uma caracterização do cultivo de arroz em níveis nacional, estadual e regional, demonstrando a importância desse cereal para a região. E, com a aplicação de questionário, caracterizou-se e tipificou-se os orizicultores do município de Rio Pardo, segundo maior produtor de arroz do Vale do Rio Pardo, quanto à estrutura e à gestão de suas propriedades.

A realização dessa pesquisa demonstrou que a grande maioria (82%) das áreas são arrendadas e que há o predomínio da mão de obra familiar para o desenvolvimento das atividades, sendo responsável por 66% da força de trabalho. O índice de escolaridade preocupa, pois 67% dos produtores não foram além do Ensino Fundamental. Porém, não é um impedimento ao acesso à internet, utilizada por 65% dos entrevistados para buscar informações importantes para a lavoura.

Referente ao uso da contabilidade na lavoura, 63% dos produtores do município sequer mantêm anotações de despesas da lavoura. E os demais (37%) possuem anotações rudimentares, tanto que somente quatro dos entrevistados souberam precisar o custo de sua lavoura.



Conclui-se sobre a importância da tipificação como instrumento de auxílio no desenvolvimento de programas relacionados à contabilidade rural. Os dados levantados justificam a necessidade de estudos que busquem conhecer a realidade de gerenciamento das propriedades dos agricultores, tendo em vista que se tem dado pouca ênfase à capacitação gerencial destes produtores. Outra questão relevante seria a busca de alternativas para melhorar, ou mesmo implantar, uma gestão adequada à realidade da agricultura.

REFERÊNCIAS

BARATA, Tiago Sarmiento. **Caracterização do consumo de arroz no Brasil: um estudo na Região Metropolitana de Porto Alegre.** Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: UFRGS/Cepan. 2005.

BATALHA, M. O.; SCARPELLI, M. Gestão da cadeia agroindustrial. Brasília. **Anais do Workshop: O agronegócio na sociedade da informação.** Brasília DF: Programa Sociedade da Informação - MCT, 2002.

BORILLI, S. P.; PHILIPPSEN, R. B.; RIBEIRO R. G., HOFER, E. O Uso da Contabilidade Rural como uma Ferramenta Gerencial: Um estudo de Caso dos produtores rurais no Município de Toledo. **Rev. Ciências Empresariais da UNIPAR**, Toledo, v6, n.1 p. 77-95, jan/jun, 2005. Disponível em: <http://dgx64hep82pj8.cloudfront.net/PAT/Upload/1352868/301-1124-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017.

BRANDÃO, Carlos. Estratégias hegemônicas e estruturas territoriais: o prisma analítico das escalas espaciais. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 21, n. 2, p. 303-313, abr./jun. 2011.

BRASIL Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Projeções do Agronegócio** – Brasil 2015/16 a 2025/26. Brasília, 2016. Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/todas-publicacoes-de-politica-agricola/projecoes-do-agronegocio/proj_agronegocio2016.pdf/@@download/file/Proj_Agronegocio2016.pdf. Acesso em: 10 abr. 2017.

CALLADO, Aldo Leonardo Cunha. **Custos no processo de tomada de decisão em empresas rurais.** 2007. Disponível em: <<http://www.sebrae.gov.br/bibliotecaonline>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO(CONAB). **A Cultura do Arroz.** Brasil, 2015. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/16_03_01_16_56_00_a_cultura_do_arroz_-_conab.pdf> Acesso em: 13 abr. 2017.



COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO(CONAB).**Custo da Produção de Arroz**. 2016. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/>> Acesso em: 12 abr. 2017.

CREPALDI, S. A. **Contabilidade rural**: uma abordagem decisória. São Paulo: Atlas, 1998.

DAL MOLIN, M. A. M.; WATANABE, M. YAMAGUCHI, C. K. JENOVEVA-NETO, R. Análise dos custos como proposta de gerenciamento na produção de arroz irrigado em uma propriedade de agricultura familiar. **Custos e @gronegócios online**, v. 11, n. 3, p. 257-279, 2015.

DEPONTI, C. M. As agruras. da gestão da propriedade rural pela Agricultura Familiar. **Rev. Des. Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 19, ed. especial, p. 9-24, 2014.

DORR, A. C.; GUSE, J. C.; FREITAS, L. A. R.; ROSSATO, M. V. Utilização de instrumentos de gestão contábil pelos produtores agropecuários. **Revista Eletrônica de Contabilidade**, v. 6, n.1, p. 35-45, 2012.

DETHIER, J.-J., EFFENBERGER, A. Agriculture and development: A brief review of the literature. **Economic Systems**, 36(2), 175-205, 2012.

ERICKSON, S. P. **Agribusiness management**. Boston: McGraw-Hill, 2002.

ETGES, Virginia Elisabeta. A região no contexto da globalização: o caso do Rio Pardo. In: VOGT, Olgário; SILVEIRA, Rogério. **Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região**. Santa Cruz do Sul: Edinusc, 2001.

FAYOL, H. **Administração industrial e geral**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FEE - Fundação de Economia e Estatística. **Perfil Sócio Econômico COREDE Vale do Rio Pardo**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Vale+do+Rio+Pardo>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FONTOURA, F. B. B.; WITTMANN, M. L.. Organizações e Desenvolvimento: Reflexões epistemológicas. **Estudos do CEPE**, v. 43, p. 30, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRATERON, I. R. G. Contabilidade de animais difíceis de ser inventariados. In: MARION, J.C.Coord. **Contabilidade e Controladoria em Agribusiness**. São Paulo: Atlas, 1996.

HARVEY, David. A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX. In: HARVEY, David. **A condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

IRGA - Instituto Rio-Grandense do Arroz. **Censo da Lavoura de Arroz Irrigado do Rio Grande do Sul – Safra 2004/2005**. Porto Alegre, 2006. Disponível

VIII Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado



em:<http://www3.irga.rs.gov.br/uploads/anexos/1292592973censodg3.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2017.

IRGA – Instituto Rio-Grandense do Arroz. **Produção municipal**. 2016. Disponível em: <<http://www.irga.rs.gov.br/conteudo/6911/safras>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

PEREIRA, J. A. **Cultura do arroz no Brasil**: subsídios para a sua história. Teresina: Embrapa Meio-Norte, 2002.

SILVA, U.M. **Extensão Universitária**: a interação do conhecimento na Semana do Fazendeiro. Dissertação (Mestrado). Viçosa, UFV, 1995.

SILVA, F. F. F. et al. O controle contábil na atividade pecuária em localidades da região central do RS. **Revista eletrônica de contabilidade**, n.1, jan./jun. 2012.

USDA - FAS. Global Agricultural Information Network. **Rice**: World Markets and Trade. 2017. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/grain-rice.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

WINCKLER, N. C.; BRANDÃO, F. S; MACHADO, J. M. D. Tomada de decisão e rede de valor: o caso de uma propriedade rural familiar no oeste catarinense. In: **Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural** - Sober, 48. 2010, Campo Grande. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/377.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.